Empréstimos do espanhol na língua portuguesa – análise de indicações diaintegrativas no Aurélio (2010)

Borrowings from spanish into Portuguese language – analysis of diaintegrative indications in Aurélio dictionary (2010)

Andrea Esther ANOCIBAR[1]

Resumo: O trabalho analisa as indicações de adoção léxica identificadoras da origem estrangeira das palavras, ou indicações diaintegrativas, em empréstimos provenientes da língua espanhola no Aurélio (2010). Os primeiros resultados revelaram indicações de adoção léxica heterogêneas e inconsistentes sobre a língua de origem dos empréstimos, o Espanhol. O objetivo é evidenciar que as incoerências e a consequente imprecisão das indicações é resultado da ausência de critérios para seu registro no dicionário.
Palavras-chave: lexicologia; lexicografia; indicação diaintegrativa; língua espanhola.

Abstract: The study analyses the indications of lexical adoption, which identify the foreign origin of words, or diaintegrative indications, in borrowings from Spanish language in Aurélio (2010). The initial results revealed heterogeneous and even inconsistent etymological indications about the Spanish laguage. The aim is to highlight that the inconsistencies and the consequent inaccuracy of these indications is the result of the absence of criteria for their registration in the dictionary.
Keywords: lexicology; lexicography; diaintegrative indication; Spanish language.

Introdução

Toda língua é constituída, em maior ou menor quantidade, de unidades que não foram criadas por ela. O processo de adaptação que tais palavras sofrem com o passar do tempo permite que estas acabem adequando-se à língua de chegada e recebendo o nome de empréstimos.

Uma das obras nas quais esse tipo de unidades pode ser encontrado é o dicionário geral, assim denominado pela sua abrangência léxica. Tais dicionários pretendem ser a compilação da "totalidade dos lexemas de uma língua, isto é, o 'tesouro lexical'" (WELKER, 2004, p. 77) e seu objetivo delineia-se no ideal de servir como uma base de dados da qual possam se servir tanto o falante nativo nas suas dúvidas sobre a língua, quanto o linguista à procura de indicações mais específicas que contribuam para sua pesquisa.

[1] Mestranda da área de Lexicografia e Terminologia: relações textuais do PPG-LET da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, CEP 91501-970, Porto Alegre, RS, Brasil. Bolsista CAPES. andreaanocibar@gmail.com

No conjunto de informações que essas obras fornecem na sua microestrutura[2], os chamados segmentos informativos[3], encontramos a indicação etimológica, cuja especificação da origem de cada palavra se confunde com as indicações de adoção léxica, ou indicações diaintegrativas - como serão conhecidas neste trabalho - que assinalam os empréstimos.

Diretamente atreladas aos critérios empregados na definição macroestrutural qualitativa do dicionário[4], as indicações diaintegrativas refletem a visão que o lexicógrafo tem da língua da qual foram originados os empréstimos. Em outras palavras, neste trabalho avaliaremos a forma como a língua espanhola foi considerada pelos lexicógrafos para marcar os empréstimos como tais.

Assim, nas seções que compõem este artigo apresentaremos brevemente: (1) a língua espanhola na sua complexidade dialetal e a dificuldade de delimitar diatopicamente suas variedades; (2) o empréstimo linguístico como fenômeno natural do contato linguístico; e (3) o dicionário geral como uma obra na qual o registro do léxico é reflexo dos critérios considerados (ou não) na seleção das unidades léxicas incluídas e na forma como são lematizadas. Após o preâmbulo teórico, passaremos à análise das indicações diaintegrativas que identificam trinta e cinco unidades como empréstimos da língua espanhola, na última edição do Aurélio (2010), doravante Au (2010).

Nosso objetivo será mostrar como a falta de critérios orientadores do registro desta parcela do léxico impede que os dicionários atinjam o propósito de fornecer, ao consulente, informações relevantes e minimamente condizentes com a realidade linguística que as indicações descrevem.

1. A COMPLEXIDADE E A DIVERSIDADE DA LÍNGUA ESPANHOLA

A complexidade de uma língua como o Espanhol pode ser entendida a partir de uma concepção de língua como conjunto heterogêneo de sistemas desenvolvida por Coseriu (1980).

---

[2] Em linhas gerais, o conjunto ordenado de todas as informações contidas no interior do verbete (Cf. WELKER, 2004, §5.4).

[3] Segmento ou parte da microestrutura ao qual corresponde uma informação ou indicação específica sobre o signo-lema (Cf. FARIAS (2011, p. 111)).

[4] Em outras palavras, as decisões tomadas pelos lexicógrafos sobre o tipo de unidades a serem incluídas na obra e a forma como serão lematizadas, conforme Bugueño Miranda (2007).

A partir dessa teoria, a língua espanhola pode ser considerada uma língua histórica, *i.e.*, "uma língua constituída historicamente como unidade ideal e identificada como tal pelos seus próprios falantes e pelos falantes de outras línguas" (COSERIU, 1980, p. 110).

No entanto, como toda língua histórica, o Espanhol "apresenta sempre variedade interna" (COSERIU, 1980, p. 110) e a manifesta na forma de três tipos fundamentais de variações: **diatópicas** (de acordo com o espaço geográfico no qual é falada), **diastráticas** (conforme o nível social dos seus falantes) e **diafásicas** (segundo o tipo de modalidade expressiva que pretenda ser empregada). Além dessas, Hausmann (1989), citado em Selistre (2012, p. 65), aponta variações **diacrônicas**, **diaintegrativas** (relativas aos estrangeirismos e empréstimos), **diatécnicas** (relativas à linguagem técnica) e **diamediais** (entre a linguagem oral e a escrita), dentre outras[5].

Simultaneamente, também é possível observar sistemas mais ou menos homogêneos - isto é, variantes consideradas sintópica (a partir de um único ponto geográfico), sinstrática (um nível social) e sinfásicamente (observando, apenas, uma das suas modalidades expressivas) - ou línguas funcionais (Cf. COSERIU, 1977, p. 119).

A grande diversidade da língua espanhola, especialmente na América, assim como a dificuldade dos linguistas em descrever com exatidão cada uma das suas variantes é apresentada por García Mouton (2001), quem, resumidamente, expõe presente, passado e futuro dos estudos dialetais sobre o espanhol da América. Partindo dos primeiros estudos dialetológicos, a autora cita os nomes de importantes estudiosos, como Pedro Henríquez Ureña, José Pedro Rona, Melvyn Resnick, Juan C. Zamora Munné e Philippe Cahuzac[6], cujas propostas para uma divisão em zonas dialetais, embora diversas quanto aos critérios considerados, não se revelaram concludentes, e contrapõe esse período com o presente, apontando diversos avanços teóricos nos estudos diacrônicos (novos estudos descritivos e com metodologias atuais sobre o espanhol em contato com outras línguas, a variação léxica como um todo, ou a variação sociolinguística, entre outros), na geografia linguística (aperfeiçoamento e criação de diversos atlas linguísticos) e na lexicografia (estudos lexicográficos sobre dicionários

[5] Cf. SELISTRE, 2012, para um maior desenvolvimento e aplicação destas variações no desenho lexicográfico.

[6] Pérez Guerra (2001) realiza um breve panorama dos estudos elaborados por esses teóricos.

diferenciais[7]). No entanto, em relação ao futuro, García Mouton (2001) mostra a necessidade de um trabalho em conjunto com os investigadores de cada um dos países envolvidos, para um "aproveitamento realista" do extenso e complexo material já produzido, já que somente a partir da determinação de critérios adequadamente justificados e comuns a todas as variedades seria possível estabelecer métodos efetivos que permitam mapear com a maior aproximação possível a complexa variação dialetal da América, oferecendo uma imagem real da língua espanhola.

Entre os diversos fatores linguísticos que determinam a variedade dentro de uma língua histórica, encontramos o contato linguístico.

2. UNIDADES EXÓGENAS QUE COMPÕEM A LÍNGUA - OS EMPRÉSTIMOS

Fruto da convivência espacial e/ou temporal de duas ou mais línguas, o contato linguístico favorece a passagem de traços ou unidades de um sistema A para um sistema B, de forma proposital ou inconsciente (Cf. TRASK, 2004, *s.v. contato linguístico*). Entre as consequências mais comuns da influência que línguas históricas[8] podem exercer entre si mediante/durante o contato, encontra-se a adoção de palavras estrangeiras, ou empréstimos linguísticos (Cf. CARVALHO, 1989, p. 9).

Diversos motivos podem estimular a incorporação de palavras emprestadas ou "empréstimos"; entre eles, a constatação de que uma determinada palavra designa algo totalmente novo, para o qual a própria língua ainda não possui um nome, ou por causa do prestígio que adquiriu a outra língua (Cf. TRASK, 2004, *s.v. palavra emprestada*).

Embora, muitas vezes, os empréstimos sejam vistos de forma negativa por falantes que defendem o purismo na língua[9], o fenômeno é tão comum e antigo que muitas palavras que hoje são de uso corrente vieram de diversas línguas com as quais o português teve contato antes mesmo de ser trazido ao Brasil no período colonial (Cf. ILARI, 2004). Exemplo disso são palavras como **arroz**, **azeite**, **azulejo** (do árabe), **cartilha** (do espanhol ibérico), **manga** (das línguas faladas nas colônias portuguesas em

---

[7] São citados os dicionários contrastivos do espanhol de América projetados por Günther Haensch e Reinhold Werner, como também o *Diccionario del español usual de México*, criado por L. F. Lara.

[8] Este fenômeno também pode acontecer entre línguas funcionais.

[9] Um exemplo desta atitude negativa contra todo elemento de origem estrangeira na língua, seja empréstimo ou estrangeirismo, foi a criação do Projeto de Lei nº 1676, de autoria do Deputado Aldo Rebelo (PC do B/São Paulo), em 1999, que atacava o uso de palavras e expressões em língua estrangeira por considerá-las uma ameaça à língua portuguesa (Cf. FARACO, 2011).

Ásia e África), **bússola** (do italiano), **sargento** e **tenente** (do francês), entre muitas outras (Cf. ILARI, 2004, p. 321). A razão de não serem percebidos reside no processo de adaptação que sofrem os empréstimos[10].

Se restringirmos nosso foco à relação entre o português e o espanhol, notaremos que a proximidade geográfica destas línguas, tanto na Europa quanto na América, aliada à sua semelhança morfológica, facilitou a incorporação de diversos empréstimos da língua espanhola no português (Cf. CARVALHO, 1989). No âmbito da lexicografia, estas unidades emprestadas são registradas nos dicionários gerais de língua juntamente com o léxico vernacular.

3. O DICIONÁRIO GERAL DE LÍNGUA – CRITÉRIOS DE LEMATIZAÇÃO

Nos dicionários gerais são registradas, se não todas, a maior parte das palavras que conformam o léxico de uma determinada língua, o que lhes confere o status de obras gerais, em oposição às restritivas, que selecionam as unidades lematizadas de acordo com critérios determinados (Cf. BUGUEÑO MIRANDA, 2003).

O conjunto total de unidades que o dicionário comporta corresponde à sua macroestrutura[11]. Embora possa ser definida em linhas gerais como "o conjunto das entradas de acordo com uma leitura vertical" (REI-DEBOVE, 1971, *apud* BUGUEÑO MIRANDA, 2007, p. 261), representa tanto o "universo léxico que o dicionário deve conter, como a ordenação e tratamento da nominata" (BUGUEÑO MIRANDA, 2007, p. 261).

Sendo assim, o planejamento e a construção da macroestrutura de um dicionário, segundo Bugueño Miranda (2007), envolve o emprego de critérios que selecionem quantitativa e qualitativamente o léxico, permitindo, não só (1) estabelecer o número total de lemas necessários e suficientes que um dicionário deveria conter, como também (2) realizar a seleção das unidades léxicas que serão incluídas e a forma como se dará a sua lematização.

---

[10] Ilari (2004, p. 322) realiza uma breve descrição desse processo, que serve como parâmetro mais usual de distinção entre empréstimo e estrangeirismo, sendo este último caracterizado por manter sua morfologia, significação e fonética originais.

[11] Em oposição à microestrutura, que corresponde ao conjunto de informações detalhadas sobre o lema considerado como significante (expressão ou forma) e como significado (conteúdo) (Cf. HARTMANN & JAMES, 2001, *s.v. microstructure*).

De acordo com o autor, a maioria dos problemas observados e apontados pela tradição lexicográfica (falta ou excesso, quando não incoerências e erros, nas informações apresentadas) deve-se à ausência de parâmetros orientadores do registro lexical feito pelos dicionários. Evidência disso são trabalhos como os realizados por Biderman (1998; 2000; 2003), Bugueño Miranda (2001; 2007; 2011) e Farias (2007), que apresentam a problemática nas mais variadas obras.

O Au (2010), mesmo sendo parte das três obras gerais de consulta mais utilizadas no Brasil[12], tem recebido diversas críticas com relação ao registro do léxico que realiza[13]. A falta de critérios claros de seleção qualitativa se evidencia na inclusão, dentro do seu acervo, de arcaísmos, idiossincrasias literárias, e até palavras não documentadas ou com uma frequência de uso muito baixa (*hapax legomena*). A presença da palavra dinamarquesa *kjökkenmödding* é um exemplo disto (Cf. Au (2010, *s.v. kjökkenmödding*)). No universo lexical que o Au (2010) comporta, encontramos 1816 unidades identificadas como empréstimos da língua espanhola.

No que diz respeito ao registro de unidades alheias à língua nos dicionários gerais, Welker (2004) considera que deveriam receber rótulos ou marcas[14] que servissem para identificá-las e diferenciá-las do léxico vernacular. Na marcação proposta por Hausmann (1989 *apud* Welker, 2004, p. 130-131), baseada nas variações que compõem o diassistema de uma língua, encontramos as marcas diaintegrativas, que também são mencionadas por Haensch (1982, p. 500) para indicar estrangeirismos. De acordo com este último, a marcação funcionaria como uma forma de assinalar tais unidades como exógenas à língua ou indesejadas, desde o ponto-de-vista purista, de forma a evitá-las ou a apontar a existência de um equivalente vernáculo. Diferentemente deles, Fajardo (1997, p. 49 - 50) observa a prática, nos dicionários gerais monolíngues (no caso da língua espanhola), de adicionar, junto à etimologia, "indicações de adoção

---

[12] Juntamente com os dicionários Houaiss (2009) e o Michaelis (1998), nomeados por Welker (2004) com a sigla G3 ("os três grandes").

[13] Biderman (2004) realiza uma análise crítica do dicionário, apresentando diversos erros na sua constituição e Bugueño Miranda (2011) apresenta um panorama das obras lexicográficas brasileiras, analisando obras gerais entre as quais se encontra o Au (2010).

[14] Definidos pela sua função de assinalar as restrições e condições de uso das palavras, esses rótulos ou etiquetas figuram comumente, mas não sempre, como abreviaturas no início do verbete (Cf. Medina Guerra (2003, p. 115) e Fajardo (1997, p. 31)). Tratam-se de uma valoração, opinião ou parecer sobre um aspecto de norma linguística, sobre aquilo que já foi fixado na língua, ao contrário dos segmentos informativos como a etimologia, cuja razão de ser é dar uma informação, constituir uma descrição sobre um aspecto de norma.

léxica" como assinaladoras de empréstimos, evidenciando outra faceta do tratamento lexicográfico destas unidades.

Se observarmos a lematização de unidades estrangeiras realizada pelo Au (2010)[15], poderemos reconhecer, nas setas indicadoras de estrangeirismos, a marca diaintegrativa que os identifica. No entanto, no registro de empréstimos, a informação diaintegrativa localiza-se no segmento etimológico. Como resultado, tem-se a confusão entre etimologia e adoção lexical.

É necessário esclarecer, no entanto, que embora o segmento etimológico, pertença ao conjunto de informações que conformam a microestrutura[16] do dicionário, não é o objetivo deste trabalho avaliar este segmento em particular[17], nem verificar se as informações contidas nele correspondem à historicidade da língua espanhola. Em linhas gerais, examinaremos a forma como a língua espanhola foi considerada pelo Au (2010) para lematizar os empréstimos que se originaram dela. Em outras palavras, nosso objetivo será evidenciar que a ausência de critérios ou parâmetros por parte do dicionário para incluir as indicações diaintegrativas dos empréstimos tomados do Espanhol, redunda no registro de informações inconsistentes, tendo em vista a identificação dos empréstimos oriundos do espanhol de formas tão variadas, se os compararmos com os empréstimos provenientes de outras línguas, como o Francês e o Inglês, por exemplo.

bagual - [Do hisp.-amer. *bagual*.]
duende - [Do esp. *duende*.]
invernador - [Do esp. plat. *invernador*.]
canastra - [Do esp. amer. *canasta*, com epêntese.]

futebol [Do ingl. *football*.]
clube - [Do ingl. *club*.]
abajur - [Do fr. *abat-jour*.]
terraço - [Do fr. *terrasse*.]

É, pois, no registro das informações que os identificam como empréstimos que nos deteremos neste trabalho, já que para estabelecer as indicações diaintegrativas se supõem determinados critérios lexicológicos que justifiquem sua inclusão.

4. EMPRÉSTIMOS DO ESPANHOL NO AU (2010) – INDICAÇÕES DIAINTEGRATIVAS

[15] Conferir, no Au (2010), os seguintes verbetes a modo de exemplo: *best-seller*, *mouse*, *skate* (do inglês), *paella*, *amontillado*, *paella* (do espanhol), *boutique*, *fondue* (do francês), etc.
[16] Ver nota 11.
[17] Cf. Bugueño Miranda (2004) para uma análise do segmento etimológico nos dicionários de língua. De acordo com o autor, cada segmento seria responsável por veicular uma informação a respeito do lema. Seguindo este raciocínio, poderia se pensar na possibilidade e pertinência de criar uma marca específica para assinalar os empréstimos linguísticos fora do segmento etimológico.

Para este estudo piloto, de um total de 1816 verbetes registrados como empréstimos da língua espanhola na versão eletrônica do dicionário Au (2010), doravante AuE (2010), trinta e cinco foram escolhidos de forma aleatória como exemplos de análise[18].

altiplano	[Do hisp.-amer. *altiplano*.] [Do esp. amer. *altiplano*] [Cf. AuE (1999)]
aquerenciar	[Do hisp.-amer. *aquerenciar*.]
bagual	[Do hisp.-amer. *bagual*.]
baqueano	[Do esp. plat. *baqueano*.]
bocha	[Do esp. plat. *bocha*]
canastra	[Do esp. amer. *canasta*, com epêntese.]
cargoso	[Do esp. plat. *cargoso*.]
despilchar	[Do esp. plat. *despilchar*.]
duende	[Do esp. *duende*.]
embromar	[Do esp. plat. *embromar*.]
façanha	[Do esp. ant. *fazaña* (atual *hazaña*).]
guapear	[Do esp. (plat.) *guapear*]
flete	[Do esp. plat. *flete*.]
haragano	[Do esp. (plat.) *haragán*, 'preguiçoso', alter. do esp. (ant.) *harón* < ár. *harûn*, 'cavalo que empaca'.]
iguana	[Do aruaque *iwana*, pelo esp. *iguana*; tax. *Iguana*.]
invernador	[Do esp. plat. *invernador*.]
jerra	[Do esp. plat. *yerra*]
jaleco	[Do esp. *jaleco* < turco *jelek*.]
laçaço	[Do esp. plat. *lazazo*]
lentejoula	[Do esp. *lentejuela*, dim. de *lenteja* (< lat. tard. *lenticula*).]
muchacho	[Do esp. *muchacho*.]
nutria	[Do esp. *nutria*.]
orear	[Do esp. plat. *orear*.]
pangaré	[Do esp. plat. *pangaré*]
pilcha	[Do esp. plat. *pangaré*]
quena	[Do quíchua, pelo esp. plat. *quena*.]
querência	[Do esp. *querencia*.]
rastrilho	[Do esp. *rastillo* < lat. *rastellus*, dim. de *rastrus*.]
refilão	[Do esp. plat. *de refilón*.]
reiuno	[Do esp. plat. *reyuno*]
sampar	[Do esp. plat. *zampar*]
tarca	[Do esp. plat. *tarja*]
tirador[1]	[Do esp. plat. tirador]

[18] Uma vez que o objetivo do trabalho é evidenciar as inconsistências características das informações diaintegrativas no AuE (2010), a informação contida na tabela se restringirá ao segmento etimológico que o dicionário provê.

xíbaro	[De uma língua americana, pelo esp. *jibaro*]
zebruno	[Do esp. plat. *cebruno*.]

Tabela 1. Empréstimos da língua espanhola. Fonte: AuE (2010)

Como pode ser observado na Tabela 1, o dicionário distingue espanholismos ("esp."), hispano-americanismos ("hisp.-amer."), espanholismos americanos ("esp. amer.") e espanholismos platinos ou platinismos ("esp. plat.").

A fim de analisar as indicações acima mencionadas, primeiro observaremos como o próprio dicionário define cada uma delas[19] e, logo, as compararemos com dois corpora da língua espanhola fornecidos pela Real Academia Espanhola[20], de acordo com a datação do primeiro registro dos empréstimos[21].

4.1 Espanholismos

De acordo com o AuE (2010), a abreviatura "esp." pode corresponder tanto à palavra espanhol quanto a espanholismo. Procurando ambas no dicionário encontramos o seguinte:

> **espanhol** [Do lat. pop. **hispaniolu*, cláss. *hispanus*.] (...) 3. Gloss. Língua oficial, românica, da Espanha, do México, de todos os países centro ou sul-americanos, e do Caribe, que constituíram o antigo império espanhol. É a continuação histórica do dialeto de Castela, pelo que também é chamada castelhano. 4. Vocábulo dessa língua. [Flex.: *espanhola*, *espanhóis*, *espanholas*.]
>
> (Au, 2010, *s.v.*)

> **espanholismo** [De *espanhol* + -*ismo*.] Substantivo masculino. 1. E. Ling. Palavra, locução ou construção própria da língua espanhola; hispanismo, castelhanismo. 2. E. Ling. Palavra ou locução própria do espanhol que foi transportada para outra língua; hispanismo, castelhanismo. 3. E. Ling. Emprego de palavras, locuções ou construções espanholas em idioma estrangeiro; hispanismo, castelhanismo. (...).
>
> (Au, 2010, *s.v.*)

Em outras, palavras, refere-se à língua espanhola como diassistema, ao panespañol referido em Morales Pettorino (2007, p.17). Aplicado à identificação dos empréstimos, dizer que determinada palavra é um espanholismo, equivaleria a dizer que

[19] A fim de verificar os conceitos no próprio dicionário sem distrair o leitor com informações irrelevantes, apenas as acepções relacionadas ao tema em questão foram transcritas.

[20] O Corpus Diacrónico del Espanhol (CORDE), que compreende textos desde os primórdios da língua espanhola até 1975, e o Corpus de Referencia del Español Actual (CREA), que abrange desde 1975 até 2004.

[21] Para isso utilizaremos a datação fornecida pelo dicionário Hou (2009), referente ao "primeiro registro conhecido ou estimado da palavra", segundo esclarecem as páginas iniciais do dicionário.

o mesmo, na época da sua incorporação ao português, tratava-se de uma palavra não restrita diatopicamente, mas de uso geral entre os hispanofalantes. No entanto, dos nove empréstimos assim identificados ("duende", "iguana", "jaleco", "lentejoula", "muchacho", "nutria", "querência", "rastrilho" e "xibaro"), apenas "muchacho" poderia ser considerado como tal de acordo com os dados dos corpora da língua espanhola, pois é o único com um número grande de registros não somente na Espanha, mas nos outros países da América (coerente com uma palavra que pode ser considerada conhecida pelos hispanofalantes como um todo).

4.2 Hispano-americanismos e espanholismos americanos

No que diz respeito aos empréstimos identificados como provenientes de hispano-americanismos ("hisp.-amer."), o dicionário apresenta a seguinte definição:

> **hispano-americano** [De *hispan(o)-* + *americano*.] (...) 2. Restr. E. Ling. Diz-se de termo, ou expressão do espanhol (3) da América Latina. (...).
> (Au, 2010, *s.v.*)

Tal e como explicitado pelo próprio dicionário, a origem das palavras identificadas com a indicação "hisp.-amer." ("altiplano", "aquerenciar" e "bagual") restringe-se à América, exclusivamente. Esta delimitação diatópica, no entanto, é apenas confirmada (e com uma margem de erro considerável[22]) na palavra "bagual" (um hispano-americanismo, segundo o dicionário) que no período aproximado da sua inclusão no Português (1889), concentrava 95% do seu uso na região platina, e 5%, em Espanha. Quanto a "aquerenciar" e "altiplano", nenhuma delas, de acordo com os corpora, aparece circunscrita apenas ao continente americano. Quanto à indicação diaintegrativa de "altiplano", no entanto, é interessante observar, também, a mudança ocorrida entre a edição de 1999, na qual figurava como um espanholismo americano, e a de 2010, quando foi classificado como um hispano-americanismo. A correção realizada pelo dicionário na palavra "altiplano", no entanto, revela ainda mais a incoerência das indicações diaintegrativas e nos leva a questionar a distinção entre estas duas indicações[23], já que em um primeiro momento, ambas parecem fazer referência à

[22] Levando em conta a disparidade da coleta de dados do corpus (74% pertencente ao espanhol peninsular e 26% relativo às outras variantes diatópicas).

[23] A indicação "esp. amer.", longe de pertencer apenas a uma edição antiga do dicionário, aparece também na nova edição identificando o empréstimo *canastra*, para o qual se tem a mesma dificuldade de delimitação diatópica observada em *bagual*, *aquerenciar* e *altiplano*.

mesma restrição diatópica. As definições que obtemos do próprio Au (2010), no entanto, são as seguintes:

> **americano**[1] (...) 2. Gloss. Diz-se das línguas indígenas do continente americano. (...).
>
> (Au, 2010, *s.v.*)

> **americanismo** [De *americano*[1] + *-ismo*.] (...) 5. E. Ling. Peculiaridade do inglês falado nos E.U.A., do espanhol da América, ou do português do Brasil. 6. E. Ling. Restr. Palavra ou expressão provenientes da América.
>
> (Au, 2010, *s.v.*)

Uma vez que o dicionário não fornece informações específicas e detalhadas sobre as abreviaturas que utiliza, as definições acima citadas tornaram-se nossa única fonte de consulta. De acordo com elas, a indicação "esp. amer." poderia referir-se tanto a palavras restritas à América (o que significaria uma repetição do conceito de "hispano-americanismo"), ou a palavras do espanhol que se originaram do contato com línguas indígenas, na América. Caso esta tenha surgido a fim de identificar empréstimos que se encaixassem nesta última classificação, não deveria estar inclusa na descrição do empréstimo "canastra", nem de "altiplano".

4.3 Espanholismos platinos ou platinismos

Finalmente, temos a indicação diaintegrativa "esp. plat.", correspondente à maioria dos empréstimos analisados ("baqueano", "bocha", "cargoso", "despilchar", "embromar", "flete", "invernador", "jerra", "laçaço", "orear", "pangaré", "pilcha", "quena", "refilão", "reiuno", "sampar", "tarca", "tirador[1]", "zebruno".).

> **platino** [Do esp. *platino*.] Adjetivo. 1. Da, ou pertencente ou relativo à região do rio da Prata (América do Sul). Substantivo masculino. 2. O natural ou habitante dessa região. [Sin.: *platense, rio-platense*.]

De acordo com esta definição, "esp. plat." assinala palavras pertencentes ao espanhol falado na região platina (Argentina, Paraguai e Uruguai), mas uma pesquisa nos *corpora* da língua espanhola revelou que dos dezenove empréstimos identificados como platinismos (Cf. Tabela 1), doze estão presentes em outras regiões da América e apenas sete ("bocha", "despilchar", "invernador", "pangaré", "pilcha", "reiuno" e "zebruno") poderiam ser descritos como tais, e aproximadamente, sendo os únicos que restringiram-se a esta região na época da sua incorporação na língua portuguesa. Ainda assim, seria muito arriscado classificar estes últimos de forma certeira, tomando os

corpora da RAE como única fonte, pois uma pequena parcela dos registros totais corresponde ao espanhol da América[24], o que nos apresenta uma imagem parcial da língua.

A verificação que a análise com os corpora do espanhol nos fornece, no entanto, corrobora a inconsistência e insuficiência das indicações diaintegrativas utilizadas para identificar os empréstimos de origem hispânica, como também confirmam a ausência de critérios linguísticos bem estabelecidos para registrar adequadamente o léxico da língua.

5. DISCUSSÃO FINAL

Do contato com a língua espanhola em diferentes momentos da história, o português incorporou diversas palavras de origem hispânica no seu léxico. Com o tempo, muitas delas seriam adaptadas fonética e morfologicamente á língua, tornando-as empréstimos lexicais. É devido a esse processo de vernacularização que hoje muitos empréstimos não são percebidos como tais.

O único lugar no qual é possível identificá-los como empréstimos da língua espanhola é nas páginas dos dicionários gerais, já que neles são registradas as unidades léxicas em uso juntamente com a sua etimologia. Como bem expressou Polanczyk (2005), são tais registros que permitem perceber quanta influência o português tem recebido de outras línguas. No entanto, a abrangência lexical que um dicionário geral comporta nem sempre traz benefícios para o consulente. Na tentativa de registrar o maior número possível de palavras da língua, numerosos aspectos veem-se afetados pela ausência de uma seleção qualitativa da sua macroestrutura com base em critérios bem estabelecidos, *i.e.*, um trabalho de seleção e investigação rigorosos das unidades que são incluídas.

No objetivo de avaliar como a falta de critérios afeta o registro dos empréstimos, foram avaliadas as indicações de adoção léxica que os identificam como tais, aqui denominadas indicações diaintegrativas.

A análise confirmou que o segmento etimológico é um dos diversos segmentos afetados pela falta de critérios de seleção qualitativa, evidente na identificação de

[24] Como anteriormente mencionado, a descrição dos corpora especifica que 74% dos registros do CORDE correspondem ao espanhol peninsular e 26%, ao espanhol falado na América. Semelhantemente, o CREA compõe-se: 50% de registros do espanhol peninsular e 50% do espanhol de América.

empréstimos vindos do espanhol. Diversas indicações diaintegrativas têm sido utilizadas para uma mesma língua de origem, mostrando que o registro das mesmas pelo Au (2010) não foi realizado com base em critérios linguísticos. Como pôde ser observado até aqui nas informações apresentadas, Au (2010) classifica os empréstimos vindos da língua espanhola dentro de limites que a própria dialetologia reconheceu insatisfatórios para descrevê-la na sua diversidade e complexidade.

Visto a grande dificuldade de delimitar zonas dialetais da língua espanhola, futuramente poderia ser realizada uma análise que permitisse definir a pertinência e a real necessidade, se é que há, de uma indicação diaintegrativa tão específica para os empréstimos da língua espanhola. De fato, até que o registro das indicações de adoção léxica não seja orientado por critérios adequados, nenhuma informação será condizente com a realidade do fenômeno linguístico que elas descrevem.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, S. M. S. Panorama dos estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil. **Revista de Letras**, vol.9, n. 1/4, p. 26-34, jan. 2010/dez. 2011.

Au. FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 7.0**. 5ª. ed. eletrônica. Manaus, AM: Sony DADC: Positivo informática, 2010. 1 CD.

BIDERMAN, M. T. Os dicionários da contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: Oliveira, A. M. P.; Isquerdo, A. N. (Org.). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Ufms, 1998. p. 129-142. v. I.

_____. Aurélio: sinônimo de dicionário? **Alfa**, São Paulo, v. 44, p. 27–55, 2000.

_____. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. **Filologia e Linguística portuguesa**, n. 5, p. 85-116, 2003.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Problemas macroestruturais em dicionários de falsos amigos. **Expressão**, Santa Maria, v. 5/2, p. 89-93, 2001.

_____. Cómo leer y qué esperar de un diccionario monolingüe (con especial atención a los diccionarios del español). **Revista Língua & Literatura** v. 8/9, , p. 97-114, 2003.

_____. La etimología en el diccionario de la lengua. **Revista Letras,** Curitiba, n. 64, p. 173-188, set./dez. 2004.

_____. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: UFMS, 2007. p. 261-272. v. III.

_____. Da microestrutura em dicionários semasiológicos do português e seus problemas. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, v. 9, p. 36-69, 2011.

CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1989.

COSERIU, E. A língua funcional. In:_____. **Lições de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980. p. 101 – 117.

FAJARDO, A. Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica en la Lexicografía española. **Revista de Lexicografía**, Universidade da Coruña, v. III, p. 31 – 37, 1996-1997. Disponível em: http://hdl.handle.net/2183/5396. Acesso em: 13 out 2014.

FARACO, C. A. (Org.) **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

FARIAS, V. S. Dicionários escolares de língua portuguesa: uma breve análise de aspectos macroestruturais. **Lusorama**, Frankfurt am Main, v. 71/72, p. 160-206, 2007.

_____. Considerações preliminares sobre o pós-comentário na microestrutura de dicionários semasiológicos. **ReVEL**, v. 9, n. 17, p. 109 – 139, 2011.

GARCÍA MOUTON, P. La división dialectal del español de América: reflexiones y propuesta de trabajo. In: II CONGRESO DE LA LENGUA ESPAÑOLA, Valladolid, 2001. **Atas do II Congreso Internacional de la Lengua Española**. Valladolid, Instituto Cervantes-RAE, 2001. Disponível em: <http://www.congresosdelalengua.es> Acesso em: 13 out 2014.

HAENSCH, G. et alii. **La lexicografía**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. **Dictionary of lexicography**. London: Routledge, 2001.

HAUSMANN, F. J. Die Markierung im allgemeinen einsprachigen Wörterbu-ch: eine Übersicht. In:_____ et al. (ed.). **Wörterbücher – Dictionaries – Dictionnaires**. Ein Internationales Handbuch zur Lexikographie. Berlin / New York: de Gruyter, 1989. p. 649 – 657. vol. 1.

Hou. HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**: versão 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

ILARI, R. Perspectiva histórica sobre o léxico do português. In: TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004, p. 321 – 323.

MEDINA GUERRA, A. M. (coord.). **Lexicografía española.** Barcelona: Ariel, 2003.

Mi. MICHAELIS. **Michaelis Português - Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**: versão eletrônica 1.1. São Paulo: A. M. Software, 1998. 1 CD-ROM.

MORALES PETTORINO, F. **El español de Chile**: Estudios fónicos, gramaticales y léxicos. Valparaíso: Ed. Puntángeles/Universidad de Playa Ancha, 2007.

PÉREZ GUERRA, I. **El** problema de las zonas dialectales del español de América. In: II CONGRESO DE LA LENGUA ESPAÑOLA, Valladolid, 2001. **Atas do II Congreso Internacional de la Lengua Española**. Valladolid, Instituto Cervantes-RAE, 2001. Disponível em: <http://www.congresosdelalengua.es> Acesso em: 13 out 2014.

POLANCZYK, S. **Realidade e mito do empréstimo do espanhol no português**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CORDE). Corpus diacrónico del español. <http://www.rae.es>

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA) [on line]. **Corpus de referencia del español actual.** <http://www.rae.es>

SELISTRE, I. C. T. **Desenho de um dicionário passivo inglês/português para estudantes do ensino médio**. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

WELKER, H. A. **Dicionários** – uma pequena introdução à lexicografia. 2ª ed. Brasília: Thesaurus, 2004.